JULÎO DANTAS

CARLOTA JOAQUÎNA.

COMPANHIA EDITORA PORTUGAL-BRASIL

CARLOTA JOAQUINA

Peça em um acto, em prosa,
representada pela primeira vez no "Palace-Theatre",
do Rio de Janeiro, na noite de 15 de junho de 1919

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

POESIA

Nada (1896) — 3.ª edição.
Sonetos (1916) — 5.ª edição.

PROSA

Outros tempos, inquéritos médicos às genealogias reais portuguesas, etc. (1909) — 3.ª edição.
Figuras de ontem e de hoje (1914) — 3.ª edição.
Pátria Portuguesa (1914) — 4.ª edição, no prelo.
Ao ouvido de M.me X (1915) — 5.ª edição.
O amor em Portugal no século XVIII (1915) – 2.ª edição.
Mulheres (1916) — 5.ª edição.
Êles e Elas (1918) — 4.ª edição.
Espadas e Rosas (1919) — 5.ª edição.
Como elas amam (1920) – 3.ª edição.
Abelhas doiradas (1920) – 2.ª edição.
Os galos de Apollo (1921).
Arte de amar (1922) – 2.ª edição, no prelo.
As Grandes Batalhas – No prelo.

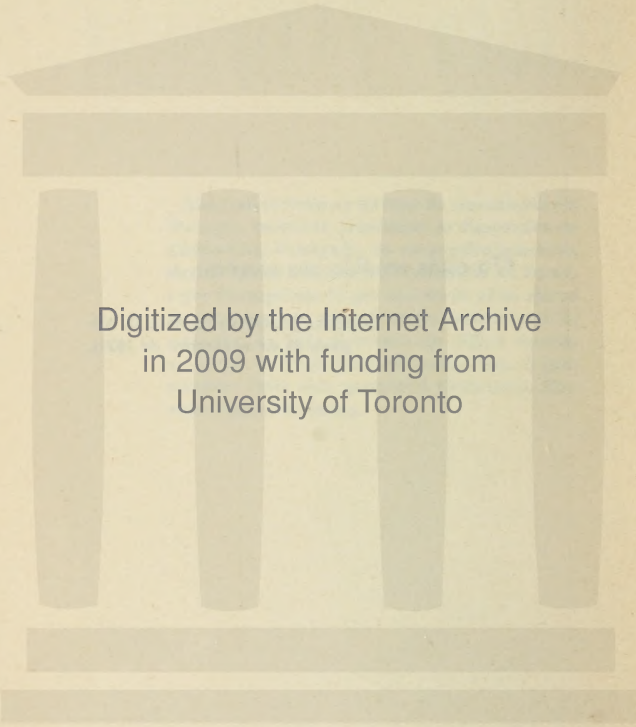
TEATRO

O que morreu de amor (1899) – 4.ª edição.
Viriato Trágico (1900) – 2.ª edição.
A Severa (1901) – 4.ª edição.
Crucificados (1902) – 2.ª edição.
A Ceia dos Cardeais (1902) – 26.ª edição.
D. Beltrão de Figueirôa (1902) – 4.ª edição.
Paço de Veiros (1903) – 3.ª edição.
Um serão nas Larangeiras (1904) – 4.ª edição, no prelo.
Rei Lear (1906) – 2.ª edição.
Rosas de todo o ano (1907) – 9.ª edição.
Mater Dolorosa (1908) – 5.ª edição.
Auto de El-Rei Seleuco (1908) – 2.ª edição.
Santa Inquisição (1910) – 2.ª edição.
O Primeiro Beijo (1911) – 5.ª edição.
D. Ramon de Capichuela (1912) – 3.ª edição.
O Reposteiro Verde (1912) – 2.ª edição.
1023 (1914) – 3.ª edição.
Sóror Mariana (1915) – 3.ª edição.
Carlota Joaquina (1919) – 3.ª edição.
D. João Tenório (1920).
A Castro (1920) – 2.ª edição.
Romeu e Julieta – No prelo.

A data indicada para cada obra é a da sua primeira edição.

JÚLIO DANTAS
Socio effectivo da Academia das Sciências de Lisboa
Da Academia Brasileira de Letras

Carlota Joaquina

3.ª EDIÇÃO

LISBOA
PORTUGAL-BRASIL
COMPANHIA EDITORA
58 — RUA GARRETT — 60

"Tu estás vendido aos maçães...»

CARLOTA JOAQUINA (carta a D. Miguel, 24 de novembro de 1827).

AO GRANDE PINTOR

JOSÉ MALHÔA

FIGURAS

D. Miguel	*Mendonça de Carvalho*
Duque de Cadaval	*Henrique Alves*
Frei Manoel da Epifania, frade trino, confessor da Raínha	*João Lopes*
Latanzi, joalheiro italiano	*Silvestre Alegrim*
Sedovêm, picador da Casa Real	*Joaquim Almada*
Frei José do Pilar, frade mariano, esmolér de Carlota Joaquina	*Gil Ferreira*
Leonardo, cocheiro	*Joaquim Prata*
Garrocho, campino do Infante	*António Palma*
Cambaças, eguariço	*Joaquim Silva*
Padre Crespo	*Enrique Pereira*
O oficial da guarda	*N. N.*
Carlota Joaquina	*Maria Matos*
Margarida Adriôa	*Hortense da Luz*
D. Francisca Vadre, ama do Infante	*Antónia de Sousa*
Antonita	*Tina Coelho*
Rosa	*Lucinda Lopes*
Sinhá	*Alice Ribeiro*
Cachucha	*Bemvinda de Abreu*
A Pimentinha	*Pepita de Abreu*
Leonor	*Maria Prata*
Carocha, mulata	*Virginia Farrusca*

Em Queluz, 1828.

CARLOTA JOAQUINA

A Sala das Talhas, em Queluz. Ao F., portas abertas para o jardim do palácio. Dia de sol. A' E. baixa, accesso para os aposentos da Raínha. A' E. alta, trôno. A sala continúa para a D. — Talhas da India. Um cravo Clementi, de oitava larga. Cadeiras e tamboretes Luís XVI.

Ouve-se, fóra, a voz de ANTONITA, *açafata espanhola da Raínha, cantando ao som de castanholas. Diante da porta da E. baixa, recostado numa cadeira doirada, e com os grossos sapatões ferrados em cima de outra, o* GARROCHO, *campino do Infante, barrete verde, colete de baetão vermelho, pampilho em punho, acompanha-a, assobiando.*

ANTONITA, *fóra*

En porfias soy manchega,
En malicias soy gitana:
Mis intuitos y mis planos
No se me quitan del alma...

GARROCHO, *vendo entrar pela D. o* PADRE CRESPO

Que é lá?

PADRE CRESPO

Gente de paz.

GARROCHO

Donde vem?

PADRE CRESPO

De mandado do senhor Patriarca. Trago uma carta para Sua Majestade.

GARROCHO

Venha a carta.

PADRE CRESPO

Tenho ordem para a entregar em mão própria. *(Avançando para a porta da E. baixa)* Sua Majestade está no oratório?

GARROCHO, *levantando-se dum salto e atravessando o pampilho*

Alto! Ninguém passa!

PADRE CRESPO

Quem me tolhe o passo, a mim?

GARROCHO

Campino do senhor Infante. De guarda à senhora Raínha. — De largo!

PADRE CRESPO

Então, quem monta a guarda a Sua Majestade é a tropa de linha ou são os campinos do senhor Infante?

LEONARDO, *cocheiro da Raínha Carlota, tipo sinistro, niza de briche, poláina, um arcabuz na mão, surgindo do F.*

Os campinos, os eguariços, os picadores, os sota-cocheiros, eu, — e toda a malta com bôa venta e choupa afiada! Não deram outra côrte à senhora Raínha, — tem esta! *(Apresentando-se)* Cocheiro Leonardo. — E ali, o Garrôcho, campino. — Que é lá?

PADRE CRESPO

Está bom. Se são Vossas Ilustríssimas os veadores e camaristas de Sua Majestade, queiram ter a bondade de me introduzir.

LEONARDO, *pousando o arcabuz sôbre o cravo*

Vamos a saber. O Senhor Patriarca está com Deus ou com o diabo?

PADRE CRESPO

Não entendo.

GARROCHO

Se está comnosco e com a senhora Raínha, ou lá com os cães dos jacobinos!

LEONARDO

A gente quer saber quem é por nós e quem é contra nós!

PADRE CRESPO

O senhor Patriarca está com Jesus Christo. Manda a Sua Majestade licença para expôr o Santíssimo Sacramento na capela do Paço, em acção de graças pelo regresso do senhor Infante.

GARROCHO, *afastando-se*

Pode passar!

PADRE CRESPO

Viva o senhor D. Miguel!

LEONARDO

Viva primeiro que tudo a Raínha, nossa senhora! E depois, o senhor Infante, se é que vem o mesmo e o não viraram lá pela Austria, ou por onde quer que andou!

PADRE CRESPO, *que se dirige para a E. alta, e pára, a ouvir*

Quem está cantando?

GARROCHO

É a Antonita, a açafata espanhola de Sua Majestade. *(Assobia, chamando, para a E. baixa).*

PADRE CRESPO

A cantar malagueñas?

LEONARDO

Nada, que havia de ser cantochão!

GARROCHO, *para um criado velho, que surge à porta da E. baixa*

Tarrabuzo, aí vai um padre!

LEONARDO, *agarrando o arcabuz*

Dominus tecum!

O PADRE CRESPO *sai, com* TARRABUZO, *pela E. baixa.*

GARROCHO, *seguindo os movimentos de* LEONARDO, *que carrega a arma*

Que fazes tu?

LEONARDO

Cevo de zagalotes o meu arcabuz. Isto, ou eu me engano muito, ou há hoje missa cantada!

GARROCHO

O Cambaças já veio de Belém?

LEONARDO

Ainda não. Os ares estão turvos. A pedreirada anda brava.

GARROCHO

E o Sedovém?

LEONARDO

Também para lá foi. Ou arrebenta o cavalo, ou está aí numa Ave-Maria. — Deixa vêr a navalha.

GARROCHO, *atirando-lha*

Já engataste o côche?

LEONARDO, *levantando o fusil e avivando com o fio da choupa a aresta da pederneira*

A' primeira voz. E' saltar para a boléa. *Tiros de peça, ao longe)* Ouves a artilharia?

GARROCHO, *ajudando-o*

Se a senhora Raínha se demora, já não chega a tempo de ir a bordo.

LEONARDO

É melhor que não vá.

GARROCHO

São capazes de a enxovalhar na rua, os cães!

LEONARDO

Se a enxovalharem, meto mão os arções dos selotes, e estendo um, a tiro! — Chega-me a esçorva. — Sabes o que dizem, por aí?

GARROCHO

Não.

LEONARDO

Dizem que o senhor D. Miguel, que aí vem de Inglaterra, já não é o mesmo que de cá abalou há quatro anos.

GARROCHO

Deixa dizer!

LEONARDO

Que o viraram contra a mãe, e que vão mandar a senhora Raínha degredada para Castro Marim!

GARROCHO

O senhor Infante? Deixa ladrar!

LEONARDO

Cala-te bôca! — É por isso que eu aperro o meu arcabuz. *(Olhando, à D.)* Olha. O Cambaças!

GARROCHO, *indo ao encontro do* CAMBAÇAS,
eguariço das cavalariças do Paço,
poláina, esporas de ferro de Guimarães, chicote,
que entra apressado pela D.

Então?

LEONARDO

Que há, lá por baixo?

CAMBAÇAS

Rebentei o cavalo. Isto está mau! — A senhora Raínha?

GARROCHO

Na sala D. Quixote, com Frei Manoel.

CAMBAÇAS

O senhor Infante desembarca em Belém. Dá beija-mão na Ajuda. Estão a salvar as fortalezas. Os ministros e as senhoras Infantas fôram para bordo. — Vou dizer à senhora Raínha que é melhor não saír do Paço.

LEONARDO

Corre perigo?

CAMBAÇAS

Estão a dar-lhe morras, nas ruas!

GARROCHO

Cambada!

CAMBAÇAS

Andam a pôr pasquins nas esquinas, contra ela! Dizem que o senhor Infante se passou para os liberais.

LEONARDO, *ao* GARROCHO

Ouves tu?

GARROCHO

Manhas de ciganos, que não os vi piores na feira de Gavão! — O senhor D. Miguel não é capaz de atraiçoar a gente!

CAMBAÇAS

Também eu digo! Um homem que nos abraçava no picadeiro, como se fôssemos seus irmãos, não vinha agora esfaquear-nos pelas costas! Quem o espalha são os saldanhistas, são os do Bispo, é a malta dos archotes que anda à sôlta! *(Ouve-se um assobio, da E.)* Lá vou. — Frei Manoel que chama. — Toma o chicote!

LEONARDO, *quando o* CAMBAÇAS *sai, correndo, pela E. baixa*

A tiro! A tiro e à navalha, emquanto não levantam a fôrca no cais do Tojo!

GARROCHO

As açafatas!

Uma revoada branca de açafatas, chilreando, rindo, LEONOR, SINHÁ, ANTONITA *e outras, surge dos jardins perseguindo o risonho* FREI JOSÉ DO PILAR, *esmolér da Raínha, padre mariano de Xabregas, chiote de burél, avarcas, um papel de solfa erguido na mão.* MARGARIDA ADRIOA, *trigueira e triste, vem assentar-se numa cadeira da D. baixa, sòzinha, com um livro no regaço.*

LEONOR, ANTONITA, SINHÁ, *agarradas ao hábito do frade*

Padre Frei José! — Padre Frei José do Pilar! — Venha tocar no cravo para nós ouvirmos!

FREI JOSÉ

Hão-de adivinhar primeiro o que é.

LEONOR

É uma alamanda, para a gente dançar!

SINHÁ

É a «Cruel Saudade», do Vidigal!

FREI JOSÉ

Frio! Frio!

ANTONITA, *de castanholas nos dedos*

Es una jota aragonesa!

LEONOR

É o «ladrão do negro melro»!

FREI JOSÉ, *assentando-se ao cravo*

Não adivinham! Não adivinham!

LEONARDO

Adivinho eu, senhor padre Frei José. É aquela cantiga: «Uma velha que tinha um gato...»

SINHÁ, LEONOR, *enxotando-o*

Para a cocheira! Para a cocheira!

FREI JOSÉ

É uma modinha nova, feita à feliz chegada do senhor D. Miguel!

SINHÁ, ANTONITA, LEONOR, *encantadas, em mesuras*

A Sua Alteza! A Sua Alteza! *(Chamando)* Margarida! Margarida! — Toque, toque, Frei José!

GARROCHO, *viola em punho*

Eu acompanho, à viola!

FREI JOSÉ DO PILAR *toca o «Rei-chegou». As açafatas cantam.* MARGARIDA *levanta-se e sobe, aproximando-se do grupo.*

Outra revoada de açafatas, à frente da qual veem ROSA, *a* CACHUCHA, *a* PIMENTINHA *e uma cabocla, a mulata* CAROCHA, *entra rodeando* LATANZI, *italiano caricato, joalheiro de Carlota Joaquina, idade incerta, casaca azul, colete de papo, bofes de renda,*

calças de nankim apresilhadas, penteado à Catelineau, uma caixa de jóias na mão, anéis nos dedos, sinais de tafetá na cara, como uma mulher.

ROSA, PIMENTINHA, *a* CACHUCHA

É o Latanzi! É o Latanzi! — Traz jóias para vender à senhora Raínha!

LATANZI

Buon giorno, buon giorno, signorine!

LEONOR, SINHÁ, *correndo para o italiano*

Latanzi! Latanzi!

LATANZI

Son'io! Son'io! Il vecchio Latanzi, il povero Latanzi, gioielliere della còrte, innamorato de tutte le donne!

ROSA, CACHUCHA, LEONOR, *ao mesmo tempo*

Anda cá! — Deixa vêr! — Primeiro a nós!

SINHÁ, *espreitando para a caixa das jóias*

Que lindos anéis!

PIMENTINHA

Que lindos brincos!

LATANZI, *fazendo-lhes festas na cara, nas mãos, enlevado, voluptuoso*

Per Bacco! Quelle belle occhi! Quelle belle mani!

LEONOR, *chamando*

Antonita! Antonita!

ANTONITA, *junto do cravo*

Quien me llama! Que desvergüenza!

CACHUCHA

É o Latanzi, que traz jóias!

PIMENTINHA, *a* LATANZI

Se me deixares vêr, dou-te um beijo!

SINHÁ

E eu, um abraço!

LATANZI

Oh! Le graziose creaturine!

ANTONITA, *correndo para o italiano e empurrando a mulata, que se lhe mete à frente*

Largo de aí, Carocha!

CAROCHA, *punhos cerrados, furiosa*

A escova negra varra a tua casa! Lagarto! Lagarto!

LATANZI, *tirando da caixa um leque, pequeno como uma jóia, e mostrando-o às açafatas*

Un piccolo ventaglio!

PIMENTINHA

Ai, manas, um marotinho!

TODAS

Oh! — Oh!

ANTONITA, *abanando-se com êle*

Mira, mira, que gracia tiene!

LATANZI

Davvero, tanto graziosa!

LEONARDO, *à* CAROCHA, *baixo*

Vai ter comigo à cocheira, à noite. Levo aguardente.

LATANZI, *mostrando um medalhão*

Il ritratto del signor Dom Michele, miniatura di Madama Trové.

TODAS, *entusiasmo, mesuras*

Oh! — Sua Alteza! — Sua Alteza!

ROSA

Os olhos!

LEONOR

O nariz! O nariz!

PIMENTINHA

A bôca! O amor de bôca! *(Chamando* MARGARIDA, *que se conserva afastada do grupo, numa expressão de êxtase)* Margarida! Margarida!

GARROCHO

É mesmo o senhor Infante, quando tosquiava mulas com a gente, em Salvaterra!

ANTONITA, *beijando o retrato*

Mi sangre, mi Infante, mi alma!

SINHÁ

Vem vêr, Margarida!

LATANZI, *tirando uns brincos de minas e fazendo-os scintilar*

Eccole orecchini di diamanti, con le iniziale del signor Don Michele! Un vero cappolavoro!

CACHUCHA, *deslumbrada*

Ai, os brinquinhos do menino Jesus!

PIMENTINHA

Por toda a parte o senhor Infante, nas jóias, nos corações!

ROSA, *aproximando-se de* MARGARIDA, *baixo*

Margarida, porque choras tu?

MARGARIDA, *limpando os olhos*

De alegria, porque êle volta!

TODAS

Viva o Latanzi! — Viva!

LATANZI, *de pé sôbre um tamborete*

Signorine! Signorine! Sono innamorato di tutte! Di tutte!

GARROCHO, *a* FREI JOSÉ, *que olha as açafatas, fungando a sua pitada*

Vossa Paternidade está a olhar para elas?

LEONARDO

Que diz, senhor padre Frei José?

FREI JOSÉ

Digo que as mulheres são más, gulosas, mentirosas, enredadeiras, poços de vícios e de pecados, — mas Deus nosso Senhor não nos falte com uma!

Entra pela E. baixa FREI MANOEL DA EPIFANIA, *frade trino, confessor da Raínha, a cruz azul e vermelha sôbre o hábito branco da Ordem, seguido do* CAMBAÇAS *e do* PADRE CRESPO. *Silêncio. Movimento de respeito.*

FREI MANOEL

As senhoras açafatas queiram recolher-se aos aposentos da Raínha. Sua Majestade digna-se assistir ao desembarque do seu augusto filho. *(A* LEONARDO, *que lhe beija a mão)* Manda atrelar o côche. As mulas malhadas. Sota-cocheiros e batedores de confiança. Armados.

LEONARDO

Escopêta e navalha, senhor padre Manoel. A sua bênção.

FREI MANOEL, *abençoando-o*

Vai.

LATANZI, *em mesuras, a* FREI MANOEL

Ho l'onore di riverirla... Latanzi, gioielliere della còrte...

FREI MANOEL, *ao* CAMBAÇAS

Em chegando o Sedovém, avisa-me. Quero que êle vá à estribeira de Sua Majestade. *(Ao* PADRE CRESPO, *quando o* CAMBAÇAS *se afasta)* O senhor Patriarca foi a bordo?

PADRE CRESPO

Vai ao beija-mão, à Ajuda.

FREI MANOEL

Parece que o beija-mão devia ser aqui, em Queluz, que é onde está a senhora Raínha. Mas quem manda agora são os Joaquins Antónios e os Manoeis Fernandes, é a canalha que não descança emquanto não vir o último rei enforcado nas tripas do último frade!

PADRE CRESPO

O senhor D. Frei Patrício comparece onde lhe é ordenado pelo govêrno da nação.

FREI MANOEL

Tenho notado que o senhor Patriarca obedece de mais ao govêrno!

PADRE CRESPO, *retirando-se, numa vénia*

Só êle poderá responder a Vossa Reverência.

LATANZI, *saíndo, pela E. baixa, entre as açafatas, que o arrastam e o envolvem na sua revoada*

Per Bacco! Per Bacco, signorine!

GARROCHO

Falta-lhe o chocalho ao pescoço, dlon, dlon!

FREI MANOEL, *preocupado*

Preciso falar-lhe, Frei José. *(Vendo* MARGARIDA, *que espera, junto dêle)* Não ouviste o que eu disse, Margarida?

MARGARIDA

Vinha suplicar uma graça a Vossa Paternidade.

FREI MANOEL

Que é?

MARGARIDA

Não sei se a senhora Raínha leva comsigo alguma das açafatas...

FREI MANOEL

Aonde?

MARGARIDA

Ao desembarque de Sua Alteza.

FREI MANOEL

É perigoso acompanhar hoje no côche Sua Majestade. O povo está alvoroçado. — Que é que tu queres?

MARGARIDA

Que Vossa Paternidade lhe peça para me levar a mim.

FREI MANOEL

Não tens mêdo?

MARGARIDA

De quê, reverendo Padre?

FREI MANOEL

Podes sofrer algum ultraje, no caminho.

MARGARIDA

Era uma felicidade tão grande, sofrer pelo senhor Infante!

FREI MANOEL

Lembro-me agora de que Sua Alteza se dignava reparar em ti...

MARGARIDA, *baixando os olhos*

Oh! senhor Padre!

FREI MANOEL

Não receias que êle venha mudado?

MARGARIDA

Só duvida do senhor Infante quem nunca o amou.

FREI MANOEL

Deus te oiça! — Bem. Irás com Sua Majestade.

FREI JOSÉ

Cá para mim, uma mulher só devia saír de cada três vezes: a baptisar-se, a casar-se e a enterrar-se.

CAMBAÇAS, *emquanto* MARGARIDA *beija a mão de* FREI MANOEL *e sai pela E. baixa*

Senhor padre Manoel! É o senhor picador Sedovém, que aí chega a tôda a brida!

FREI MANOEL, *subindo*

Vejamos as notícias que êle traz. *(Crepitar de foguetes)* Já se ouvem foguetes, tão perto?

GARROCHO, *apalpando a navalha*

Senhor padre Frei José... Posso fazer hoje por aí alguma morte de homem. Quero que Vossa Reverência me oiça de confissão.

FREI JOSÉ

Patife! Aprende primeiro a doutrina. Tu nem sabes quem é Deus!

GARROCHO

Então já não é o mesmo que era o ano passado?

SEDOVÉM, *entrando pelo F., vestido como os antigos picadores da Casa Real, chapeu armado, casaca de baetão verde, botas de cava, um cacete quebrado numa das mãos, um papel na outra, a* CAMBAÇAS, *que o recebe ofegante nos braços*

Amanta-me o cavalo. Esfrega-lhe com vinagre os curvilhões. Eu já vou. *(A* FREI MANOEL, *quando o* CAMBAÇAS *sai)* Senhor padre Manoel!

FREI MANOEL

Então, Sedovém?

SEDOVÉM

Aqui estão os pasquins que andam a pôr nas ruas contra a senhora Raínha! Aqui está o cacête que eu quebrei nas costas dum mariola!

FREI JOSÉ

O senhor D. Miguel?

FREI MANOEL

Que soubeste?

SEDOVÉM

Era o que eu lhe dizia a Vossa Reverência. Vem mais jacobino, vinte vezes, que tôda a cambada dos Saldanhas e dos Palmelas! Já não há rei nem roque. Está tudo perdido, senhor padre Manoel!

FREI MANOEL

Mas tu viste o senhor Infante?

FREI JOSÉ

Fôste a bordo?

SEDOVÉM

Antes não o tivesse visto, que me doeu mais o coração do que se me morresse o meu pai! — Nem me abraçou.

FREI MANOEL

Falaste-lhe?

SEDOVÉM

A mim, o seu amigo, o seu companheiro, fiél como um cão, capaz de me atirar a um poço, de despejar um bacamarte nos miolos se êle mandasse! — Deu-me a mão a beijar, — e nem me abraçou.

FREI MANOEL

E o povo? Que faz o povo?

SEDOVÉM

Dão-lhe vivas. Levantam-no em triunfo! Mas quem está à volta dêle não são os nossos amigos, não é o José Veríssimo, nem o Paiva Raposo, nem o padre Braga, nem os Grilos de Salvaterra, — é a canalha dos liberais, são os inimigos da religião e do trôno, os ministros, os ingleses, o bêbado do Clinton, os malandros do Stubbs e do Vila Real, que ainda nos hão-de pendurar na fôrca, se não lhes

metermos uma choupa pelas guelas, como fizemos ao Marquês de Loulé! — A bêsta tem môrmo, senhor padre Manoel. É preciso abrir-lhe uma sangria na tábua do pescoço!

FREI MANOEL

Mas quais são as intenções do senhor Infante? Que ouviste tu dizer?

SEDOVÉM

Está virado! Está nas mãos dêles. Dizem que vai desterrar a mãe, prender os Silveiras, entregar o govêrno ao Palmela. *(Dando o pasquim a* FREI MANOEL*)* Leia Vossa Paternidade êste papel!

FREI JOSÉ, *tabaqueando o caso*

Eu digo que êle não vai assim. O senhor D. Miguel é muito manhoso.

SEDOVÉM, *enquanto* FREI MANOEL *lê*

Foram os jacobinos que o intrigaram com a senhora Raínha! Mandaram cartas para Viena d'Austria, a dizer que a senhora Raínha tinha envenenado El-Rei que Deus haja! *(Com a cabeça perdida)* Mas sai-lhes a porca mal capada! Raios me partam, se não lhes sai a porca mal capada!

FREI MANOEL, *desaparecendo pela E. baixa*

Sua Majestade não pode saír do Paço. É preciso que Sua Majestade leia isto!

FREI JOSÉ, *a* SEDOVÉM

Eu sempre conheci o senhor Infante com manhas de salôio, como o pai. Chega-se agora à pedreirada, mas depois enxota-a com uma caniça, como a um bando de perús!

SEDOVÉM

Qual história! Vossa Reverência ainda vai nisso? O senhor D. Miguel está vendido aos maçons! Se não estivesse, não tinha jurado a Carta! Se não estivesse, não deixava a canalha insultar-lhe a mãe! Se não estivesse, tinha-me abraçado, como se abraça um homem!

MARGARIDA, *que entra pelo F., ouve as últimas palavras do* SEDOVÉM *e o interrompe num grito*

Mentes! — Vilão!

SEDOVÉM

Margarida!

MARGARIDA

É assim que tu guardas fidelidade ao teu maior amigo! É assim que tu o defendes! É assim que lhe pagas todo o bem que êle te fez! Caluniando-o, apunhalando-o pelas costas! Já os criados do Paço se permitem insultar os reis!

SEDOVÉM

Margarida! Eu sei porque tu falas!

MARGARIDA

Que mal te fez o senhor Infante? Que sabes tu das suas intenções, para lhe chamar vendido? Já não te lembras de que lhe deves a vida, de que tinhas acabado às mãos do carrasco, se êle não fizesse de ti um homem? Já te esqueceste das lágrimas de despedida que êle te chorou nos braços? É o teu amigo, é o teu bemfeitor, é o teu Infante, é o teu irmão, — renegaste-o, agora assassina-o, vende-o pelos trinta dinheiros de Judas! — Ingrato! Vilão!

SEDOVÉM, *abraçando-se a* FREI JOSÉ, *sucumbido*

Margarida!

MARGARIDA, *caíndo sôbre um tamborete, num soluço*

Miguel! Amor da minha alma! Como êles se esqueceram de ti!

SEDOVÉM

Padre, peça-lhe que me perdôe.

FREI JOSE

Isto, ainda não há como uma mulher, para gostar dum homem!

CARLOTA JOAQUINA, *figura ao mesmo tempo grandiosa e burlesca, vestida de luto, coberta de breves da marca, de cruzes de Caravaca, de bentinhos, de contas de Jerusalém, entrando pela E. baixa, o pasquim amarrotado na mão, seguida de* FREI MANOEL, *de* D. FRANCISCA VADRE, *das açafatas*

O côche! O côche, depressa! Eu não leio papéis!

FREI MANOEL

Mas, minha Senhora...

CARLOTA JOAQUINA

Eu não tenho mêdo do povo! Nunca tive mêdo do povo! Se me derem morras na rua, tenho o chicote dos meus cocheiros! Se pozerem pasquins nas paredes, vou lá eu mesma arrancá-los! — Margarida, anda comigo! — Sedovém, tu vais à estribeira! — Tinha que vêr, se a filha de Carlos IV tremia com mêdo da canalha!

FREI MANOEL

É preciso que Vossa Majestade tenha prudência!

VADRE, *que traz na mão uma tijela da India, fumegante de caldo*

Beba primeiro o seu caldo, minha Senhora

CARLOTA JOAQUINA

Qual prudência! Estou farta de padres e de oratório! Tenho o meu filho no mar, quero ir vê-lo. — O chapéu! — Se o povo escabujar, atiro-lhe para cima as patas dos cavalos. — Antonita, o meu leque! *(A* LEONARDO, *que corre pelo F. ao encontro da* RAÍNHA) Leonardo, atrela as mulas malhadas, que são as que escoiceiam melhor! — Hijo de mi alma! Sou mãe, quero ir buscar o meu filho. Quero apertá-lo nos braços, tirá-lo das mãos dos pedreiros-livres! Há quatro anos que choro por êle, hijo de mi corazon! Quero-o aqui, comigo, para nunca mais o deixar, o meu arcanjo S. Miguel! *(Bebendo o caldo, recebendo a capa, o chapéu, o leque, a banda das três Ordens, falando a todos, numa exaltação)* Francisca, arma a cama do meu filho na Sala das Merendas, ao pé de mim! — Latanzi, dá jóias às minhas açafatas, que eu quero-as bonitas, para receberem Sua Alteza! *(A* SEDOVÉM) Ouves? Todos os cavalos bem fer-

rados, para o senhor Infante montar! *(Ao* GARROCHO) Gado, para êle correr quando chegar a Queluz! — Padre Manoel, o Santíssimo na capela! — Frei José, esmola do meu bôlso a todas as mães que estiverem separadas dos filhos! — Vou vêr o meu filho! Vou vêr o meu filho! *(Encarando, desconfiada, as pessôas que a cercam)* O que é? Porque se calam todos? Porque olham todos para mim, espantados? — Sedovém! Padre Manoel! Que foi que aconteceu ao senhor Infante?

PADRE MANOEL

Nada, minha Senhora.

SEDOVÉM

Sua Alteza está na Ajuda. Chegou lá, em triunfo, nos braços do povo.

CARLOTA JOAQUINA

Então, que foi? Que é que me escondem? Cuidam que o meu filho se virou para a canalha? Que o meu filho me atraiçoou? Que vai mandar-me para o Ramalhão, como fez o pai?

FREI MANOEL, *depois de um silêncio*

Parece-me melhor Vossa Majestade não saír do palácio.

CARLOTA JOAQUINA

Deixa falar! Isso era o que êles queriam! Isso é o que êles dizem nos pasquins! É tudo inventado, para me separarem do meu filho. Levaram-me os outros, mas êste não mo levam! Os outros são entiados, abandonaram a mãe, envergonharam-me a cara. Êste, não; é o meu Miguel, é o filho do meu coração. — Já está na Ajuda? Pois ainda bem! Ponham todos os côches, todas as berlindas do Paço! Vou, com a minha côrte, dar beija-mão à Ajuda! *(Ouve-se um toque de clarim)* Que é?

GARROCHO

Sua Excelência o Duque de Cadaval!

CARLOTA JOAQUINA

Que quér de mim o Duque?

CADAVAL, ***entrando pela D., farda azul bordada de palmas de ouro, bota alta, armado***

Beijar as mãos de Vossa Majestade, como seu súbdito fiél, e suplicar-lhe que se conserve aqui.

CARLOTA JOAQUINA, *dando-lhe a mão a beijar*

Porquê? Querem matar-me?

CADAVAL

O povo está exaltado. É melhor Vossa Majestade não expôr a um desacato a sua augusta pessôa.

CARLOTA JOAQUINA, *olhando-o, desconfiada*

Quem foi que te mandou cá? Foi a infanta Isabel Maria?

CADAVAL

Foi a minha fidelidade a Vossa Majestade.

CARLOTA JOAQUINA

Eu já disse que não tenho mêdo! O meu filho chegou, vou vêr o meu filho. Também queriam matar-me se eu não jurasse a Constituição, e eu não a jurei. Também na Abrilada quizeram coser-me de facadas, e eu fui de berlinda para a Bemposta. Até o meu marido mandou médicos ao Ramalhão para me envenenarem, — êle já morreu, e eu ainda cá estou! — Vamos embora.

CADAVAL

Permita-me então Vossa Majestade que a acompanhe à estribeira do seu côche. A minha vida e a minha espada não ambicionam maior honra do que a de defender a Raínha!

CARLOTA JOAQUINA

Anda cá. Tu também tens mêdo de que o meu filho esteja virado contra mim? *(Aproximando-se dêle e olhando-o, fixamente)* Dize a verdade. Eu estou a vêr-te nos olhos. — Tens mêdo, e foi por isso que vieste.

CADAVAL

Tenho, minha Senhora.

CARLOTA JOAQUINA

Porquê? Porque êle jurou a Carta? Mas jurou falso. Afirmo-te eu que jurou falso! Também eu tenho jurado falso muitas vezes na minha vida, e depois faço o que me convém. Há aí muitos padres para o absolverem. E se ainda fôrem poucos, lá está o Papa, em Roma! — Mas tu falaste ao meu filho?

CADAVAL

Sua Alteza mal se dignou sorrir-me. Falei ao Conde de Vila Real e ao inglês Lamb.

CARLOTA JOAQUINA

Tanto um como o outro são meus inimigos.

FREI MANOEL

São jacobinos ferozes!

CADAVAL

São agora os conselheiros de Sua Alteza. O senhor D. Miguel traz instruções expressas dos gabinetes de Viena e de Londres para se manter fiél ao irmão D. Pedro e às instituições outorgadas. São as ordens de Metternich, de Esterhazy, de Canning.

CARLOTA JOAQUINA

Mas quem manda agora em Portugal, são os portugueses ou são os estranjeiros?

CADAVAL

É toda a gente, menos os amigos de Vossa Majestade!

CARLOTA JOAQUINA

E se o povo, se os regimentos se revoltarem contra a Carta, como em Braga, em Vila Viçosa, em Trás-os-Montes, que faz o meu filho?

CADAVAL

Manda-os fuzilar pela tropa.

CARLOTA JOAQUINA

E a divisão de Espanha?

CADAVAL

Vai ser desarmada.

CARLOTA JOAQUINA

E se eu me revoltar também?

CADAVAL

Será metida numa prisão, ou degredada para o Algarve.

CARLOTA JOAQUINA, *num grito, fóra de si*

Eu? A Raínha?

CADAVAL

Quanto me é penoso dizê-lo! São as intenções de Sua Alteza.

CARLOTA JOAQUINA, *com a cabeça perdida, aos gritos pela sala*

O meu filho quer-me prender! O meu filho quer prender a mãe! Acudam! Acudam! O

meu filho quer-me prender como uma ladra! O meu filho quer mandar-me desterrada para Castro Marim! *(A* FRANCISCA VADRE, *que corre para ela)* Ama, levaram-me o meu filho! *(A* FREI MANOEL, *que a ampara)* Frei Manoel, levaram-me o meu último filho! *(Caíndo numa cadeira, rodeada das açafatas e dos frades)* Eu não tive filhos, tive uma ninhada de lobos!

FREI JOSÉ

Deus há de fazer tudo pelo melhor!

VADRE

Não acredite, minha Senhora. O nosso menino não mudou.

SEDOVÉM

Nós ainda aqui estamos para defender Vossa Majestade!

LEONARDO

Emquanto eu tivér vida e uma navalha, ninguém toca na senhora Raínha!

FREI JOSÉ, *mostrando um cacête por debaixo do hábito de saragoça*

E, em caso de necessidade, dorme a Maria com o frade!

GARROCHO

Senhor Duque! Vem correndo povo para aqui. Parece que querem assaltar o Paço!

CADAVAL, *subindo*

Está aí o comandante da guarda?

LATANZI

Che cosa c'é? Che cosa c'é?

UM OFICIAL, *com o uniforme de briche da Guarda Nacional, a quem o* DUQUE *se dirige*

Dizem que o senhor D. Miguel vem a caminho de Queluz.

CADAVAL

Veja o que há e venha dizer-me.

CARLOTA JOAQUINA

Por isso o meu filho há dois anos que não respondia às minhas cartas! Por isso êle não quiz receber o Martins e o José Crisóstomo, quando eu os mandei com recados a Viena d'Austria! Foi a canalha do govêrno que me

intrigou com o meu filho! Foram êles que mandaram cartas para Viena a dizer-lhe que eu tinha envenenado o pai numa merenda de laranjas, que tinha atirado a irmã para a perdição com o Loulé, que conspirava para fazer rei o meu neto de Espanha! E o meu filho acreditou, e quer prender-me como uma ladra, e as fôrcas não se levantam pelas ruas para pendurar os malvados que roubam um filho a uma pobre mãe! *(Numa excitação crescente, desgrenhada, agarrando-se ao* DUQUE, *ao* SEDOVÉM, *a* FREI MANOEL*)* Duque! Padre Manoel! Depressa! Metam-se nos côches! Sedovém, monta a cavalo! Vão gritar ao meu filho que é tudo mentira, que eu estou inocente, que fôram os liberais, o Rendufe, os cirurgiões do Paço que envenenaram o Rei, que eu tenho provas, provas, que tudo quanto lhe disseram foi para dividirem ainda mais a nossa família, que eu não conspirei, não comprei oficiais, não levantei regimentos senão para o fazer rei a êle, ao filho do meu coração! Padre Manoel, eu não me importo que me levem tudo, a minha corôa de Raínha, tôda a minha fortuna, — mas deixem-me o amor do meu filho! *(Caíndo a soluçar numa cadeira, como um farrapo doloroso)* Tenham compaixão de mim, que eu sou uma pobre mãe abandonada de todos!

Rumor de povo, toques de clarim, vozes cantando o «Rei Chegou».

O OFICIAL, *entrando*

Senhor Duque! Sua Alteza o senhor Infante D. Miguel, que chega ao palácio!

CARLOTA JOAQUINA, *num grito de júbilo, levantando-se*

O meu filho!

CADAVAL

Que ordena Vossa Majestade?

CARLOTA JOAQUINA, *dominando o seu impulso de mãe, numa expressão de grandeza e de dignidade*

Digam-lhe que a Raínha o recebe!

FREI MANOEL

Aonde, minha Senhora?

CARLOTA JOAQUINA, *grandiosa*

Ali, no trôno!

A RAÍNHA, *rodeada de açafatas, de campinos, de frades, de picadores, de eguariços, de tôda a sua côrte plebeia e pitoresca de Queluz, dirige-se para o estrado do sólio e espera, hirta, majestosa, de pé. O rumor do povo aumenta. Estalam foguetes. Os sinos repicam. Vivas a D. Miguel.*

FREI MANOEL, *ao* DUQUE

Nestas circunstâncias, que pensa fazer Vossa Excelência?

CADAVAL, *indo colocar-se junto do trôno*

O meu dever. Defender a Raínha!

DOM MIGUEL, *como o representa o retrato admirável de Giovanne Ender, aparece à E. alta, à frente duma onda de fardas e de povo.*

VOZES, *dos que acompanham* D. MIGUEL

Viva D. Miguel absoluto! — Viva o Rei!

D. MIGUEL, *apontando a figura negra e grandiosa da mãe, que se levanta no trôno, imóvel*

Viva a Raínha!

VOZES, *dos que rodeiam* CARLOTA JOAQUINA

Viva a Raínha!

D. MIGUEL, *caminhando para a* RAÍNHA *de braços abertos, os olhos marejados de lágrimas*

Mãe! Minha mãe! Minha querida mãe!

CARLOTA JOAQUINA, *caíndo nos braços do filho*

Filho da minha alma!

LEONARDO, GARROCHO, CAMBAÇÁS, *chorando de alegria e abraçando-se uns aos outros*

É o nosso Infante!

CADAVAL, *a* FREI MANOEL DA EPIFANIA

Está salvo o trôno! *(gritando)* Viva el-rei D. Miguel!

TODOS, *num alarido*

Viva el-rei D. Miguel!

SEDOVÉM, FREI JOSÉ, *levantando* MARGARIDA, *que cai sem sentidos*

Margarida! — Margarida!

Pano, rápido